

viver. coimbra

Revista do forumcoimbra.com

Número 3 - Abril de 2008

**Aeromodelismo
em Coimbra**

Entrevista com os
Astedixie

Um bar original:
Feito Conceito

Um passeio pelo

JARDIM

BOTÂNICO

www.forumcoimbra.com

Participa!

Coimbra segura?

Na edição anterior estreámos a secção "Reacções" com opiniões sobre a segurança em Coimbra. As constantes notícias sobre assaltos, alguns dos quais recorrendo a armas (desde facas e seringas até pistolas) eram algo a que não estávamos habituados. Embora, felizmente, ainda nos encontremos bem longe do nível de (in)segurança de Lisboa ou do Porto, a situação começa a atingir proporções preocupantes e com claro impacto na qualidade de vida da população.

Uma das soluções encontradas pela Câmara Municipal para resolver este problema passa pela instalação de um sistema de video-vigilância na baixa, que irá registar o que acontece nas ruas entre as 21h e as 7h, para posterior utilização na investigação pela Polícia ou em tribunal. Nesta edição voltamos a dedicar a secção "Reacções" à segurança, analisando desta vez o que poderá resultar deste sistema. Quer tenha sucesso ou não, no entanto, uma coisa é certa: as medidas não deverão ficar por aqui. Embora a Baixa seja actualmente uma das zonas mais problemática, a verdade é que outros locais que geralmente eram considerados bastante calmos (por exemplo, Celas e Solum) já sofreram algumas vagas de assaltos. É esta pequena criminalidade que causa uma grande sensação de insegurança, baixando a qualidade de vida dos habitantes de Coimbra. É necessário fazer muito mais do que simplesmente instalar câmaras de vigilância na Baixa ou corremos o risco de ver Coimbra aproximar-se de Lisboa ou do Porto pelos piores motivos.

Mudando de assunto, e passando para a edição que têm neste momento em mãos, gostaria de assinalar o nosso primeiro trimestre. Conseguimos três edições seguidas, mantendo sempre um nível de qualidade similar, o que é algo bastante complicado numa publicação amadora. Gostaria, por isso, de voltar a dar os parabéns ao resto da equipa pelo trabalho que desenvolveram. Para além dos elementos que se juntaram a nós no anterior número, e que também participaram de forma bastante útil nesta edição, tivemos ainda a companhia de duas novas colaboradoras (Ana e Joana), às quais dou as boas-vindas à revista.

Pedro Amaro

editor@vivercoimbra.com

Nesta edição...

Tema de Capa

14 Conheça o passado e o presente do **Jardim Botânico**

Especial

10 Fique a conhecer o **aeromodelismo** e saiba onde o pode praticar em **Coimbra**

Reacções

8 A **Baixa** vai passar a ter um sistema de **vídeo-vigilância**. Irá resultar?

Sociedade

24 Fique a conhecer a **problemática rotunda** colocada em frente ao edifício do **INEM**

Lazer

26 Descubra o **Feito Conceito**, um bar original localizado na Rua Alexandre Herculano

29 Entrevistámos os **Astedixie**, uma banda Conimbricense de **dixieland**

Histórico

34 Recordamos o fecho dos **cinemas** que existiam no centro comercial **Gira-Solum**

Notícias

Notícias sobre **Coimbra** **6**

Utilidades

Alterações nos **SMTUC** e listas de estabelecimentos para **fumadores e não-fumadores** **7**

Cinema

Analizamos dois filmes disponíveis em DVD: **Superbad** e **The Simpsons Movie** **36**

Internet

Recomendamos **seis websites** que são merecedores de uma visita **38**

Curiosidades

Fique a saber mais sobre o **25 de Abril** de 1974 **40**

Versus

Coimbra precisa de um grande teatro? **43**

viver coimbra

Número 3 | Abril de 2008

Editor: Pedro Amaro

Redacção: Carolina Lopes
Manuel Araújo
Pedro Amaro

Colaboradores: Ana Barata
Joana Fraga
Juliana Oliveira

Fotos: Bruno Carreira
Joana Fraga
Manuel Araújo
Ricardo Simões
Rui Delgado

Grafismo: Pedro Amaro

Contactos

Website: www.vivercoimbra.com

Editor: editor@vivercoimbra.com

Redacção: redacao@vivercoimbra.com

Correio: correio@vivercoimbra.com

Distribuição: distribuicao@vivercoimbra.com

Sobre este projecto:

A revista "Viver Coimbra" é uma publicação electrónica amadora, de distribuição gratuita, criada pela equipa do site forumcoimbra.com. A participação nesta revista está aberta aos utilizadores desse site, que poderão contactar-nos para esse motivo recorrendo ao e-mail colaboradores@vivercoimbra.com

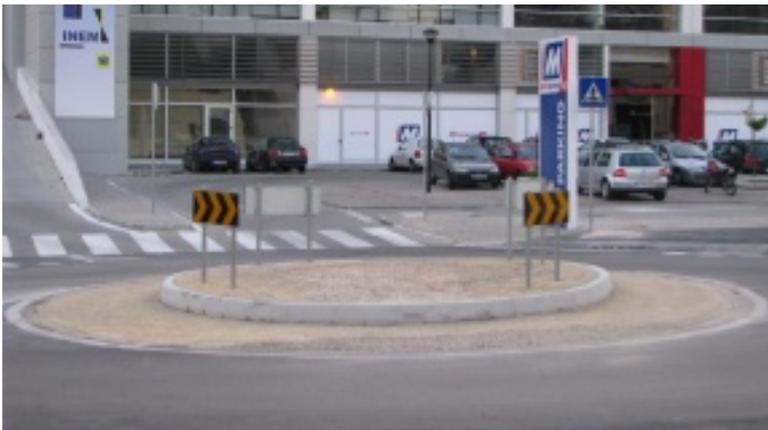
É autorizada (e encorajada) a distribuição desta revista na sua totalidade, seja através de meios impressos ou electrónicos (web, emule, torrent, e-mail, cd-rom, pen drive, etc). Questões adicionais sobre oportunidades de distribuição poderão ser enviadas para distribuicao@vivercoimbra.com

James confirmados na Queima das Fitas

Foram oficialmente anunciados dois nomes para as noites do parque da Queima das Fitas: James e Yves Larock. A banda inglesa volta às noites da Queima no dia 10 de Maio, 15 anos depois da sua última passagem por Coimbra. Já o DJ Yves Larock, mais conhecido pelo hit "Rise Up", vai animar a noite de 7 de Maio. Também confirmados pela organização estão David Fonseca (3 de Maio) e os Clã (6 de Maio).

Sem confirmação por parte da organização, mas anunciados nos sites oficiais das respectivas bandas, encontram-se ainda os seguintes concertos: Hands on Approach (3 de Maio), Mind da Gap (6 de Maio), Fingertips (7 de Maio), Jorge Palma (7 de Maio) e Mesa (10 de Maio). As novidades sobre a Queima podem ser acompanhadas no tópico "Queima das Fitas 2008", localizado na secção de Eventos do fórum (www.forumcoimbra.com).

Novo supermercado abre em Eiras



Depois de algum tempo de espera, abriu o novo Minipreço de Eiras no passado dia 25 de Março. Está localizado no edifício das instalações do INEM, na Estrada de Eiras. Apesar de já estar pronto desde inícios de Dezembro do ano passado, só pôde abrir depois de ficar pronta uma rotação colocada em frente ao edifício.

Feira do Livro em Abril

A Câmara Municipal de Coimbra (CMC) anunciou a realização da Feira do Livro na Praça da República, entre os dias 18 de Abril e 3 de Maio. Participam nesta feira livrarias de Coimbra ou editoras e sócios da Arcádia, que representam centenas de editoras, distribuídas por vários stands, onde também se pode encontrar o da CMC, com edições do Município. Como já é costume, haverá sessões de autógrafos de escritores convidados e outras acções de carácter recreativo. A feira funcionará entre as 15h00 e as 23h00 durante os dias da semana e Domingo, e entre as 15h00 e as 24h00 aos Sábados e vésperas de feriado. A abertura no dia 18 será às 17h.

Alterações nos SMTUC

Linhas nº 16 e 16G

As linhas nº16 e 16G passaram a prolongar o seu percurso desde a Praça da República até à manutenção, passando a designar-se "Manutenção - Carapinheira da Serra" e "Manutenção - Rocha Velha", respectivamente. Os horários actuais foram mantidos, mas o ponto de horário foi transferido para a Manutenção, onde são mantidos os anteriores horários da Praça da República.

Lista de bares, discotecas e restaurantes

Não- Fum adores	Monac	Colher de Pau
Bares	Mongas	Dom Espeto
After-Hours	Porcalhota	Itália
Bar das Matemáticas	Porcelicas	Kirsh
Eme Club	Santa Cruz	Manuel Júlio
Cafés	Tetris	Munich
Académico	Trianon	Munich 2
Arco-íris	Tropical	Napolitano
Atenas	Vasco da Gama	O Serenata
Café com Arte	Vénus	Pharmácia
Café do Reis	Vitrice	Prazeres da Carne
Cartola	Restaurantes	Stadium Buffet
Marisol	Amnésia	Tasquinha do João
Metropolis	Brasília	Telheiro
	Casa dos Crepes	

Fum adores	Sjoelback	Velha Academia
Bares	Sports Caffé	Discotecas
4Ever Bar City	Tapas	Ar de Rato
AAC	Tuareg	El Divino
Bugatti Bar	Xuven	Três Pinheiros
Calhabar	Cafés	Restaurantes
Clube de Rugby	Avenida	Aviz
Delight	Avis	Pharmácia
Galeria Bar Santa Clara	Bikini	Portugália
Go Between	Bossa Nova	Praça do Marisco
Irish	D. João	Nacional
Moelas	General	Rui dos Leitões
New on the rocks	Samambaia	Taberna do Parque
Noites Longas	São José	Via Lusitânia
Quebra-Costas	São Marcos	Viela
Shmoo	São Paulo	

Pedro Amaro

Difícilmente irá resultar, pelo menos nos moldes em que está previsto. Considerando que o sistema de video-vigilância irá apenas servir como prova posterior, não estando planeada uma utilização directa para impedir assaltos, só resultaria se houvesse preocupação por parte dos criminosos em serem capturados. Como se tem visto ultimamente, no caso do assalto dentro do Centro Comercial Avenida ou nos roubos de automóveis dentro do parque de estacionamento do Centro Comercial Forum Coimbra (que possuem um sistema similar), essa preocupação é inexistente. Logo, a presença das câmaras acaba por não ser relevante. Para este sistema ter resultados práticos, seria necessário ter uma equipa de acção rápida, que se pudesse deslocar aos locais onde fossem detectados problemas, em menos de 3 a 5 minutos (algo que, na zona prevista, até de bicicleta se poderia realizar). Essa actuação poderia servir como elemento dissuasor... mas simplesmente filmar os roubos de nada irá servir. O dinheiro gasto neste sistema seria melhor aplicado na contratação de vigilantes, mesmo que de empresas privadas, para realizarem patrulha de proximidade.

Devido aos constantes problemas de segurança na Baixa, irá ser instalado um sistema de video-vigilância, tendo como objectivo gravar eventuais crimes ocorridos entre as 21h e as 7h.

Será que o sistema de vídeo-

Carolina Lopes

Penso que inicialmente até poderá ter algum impacto e baixar ligeiramente os assaltos nessa zona, mas com o tempo deixará de ser eficaz. Acaba sempre por ser banalizado, os assaltantes arranjam sempre maneiras de fugir às câmaras, estas irão com certeza ter problemas e deixar de funcionar, ou simplesmente deixar de funcionar porque as desligam propositadamente, e tudo voltará ao mesmo, tirando o valor que foi gasto no sistema.

Acho que uma melhor solução seria o patrulhamento da zona pela polícia, e com isto não quero dizer um agente a passar por volta das 22 horas e outro a passar de manhã. Deveria haver constante atenção na baixa, principalmente nas ruas mais escuras e consideradas mais perigosas.

No entanto, este sistema de vigilância poderá dar uma falsa sensação de segurança a por quem lá passa, o que psicologicamente pode ajudar, mas que não servirá de muito em situações de assaltos.

Manuel Araújo

Apesar de achar que é uma medida que pode ajudar a reduzir a criminalidade na baixa de Coimbra, para mim peca por ser pouco. A vigilância de um espaço tão deserto de gente no horário nocturno é com certeza importante, mas mais que este tipo de dissuasão preferia ver mais policiamento - a pé ou de carro - durante todo o dia, já que a presença da polícia nestas áreas tem-se vindo a justificar cada vez mais nos últimos tempos. Eu acho que muitos dos casos de violência/roubos que aconteceram nas últimas semanas na nossa cidade poderiam ter sido evitados com mais polícias nas ruas. Se a vigilância for bem feita e conduzida de forma responsável, acho que é um passo no caminho certo e que gostava de ver alargado a outras áreas da cidade. Mas gostava que fosse um passo acompanhado por outras medidas, porque as câmaras sozinhas não impedem assaltos.

Vigilância da Baixa irá resultar?

Juliana Oliveira

Eu quando penso em Baixa, o que me vem à cabeça são aquelas ruas estreitas, escuras e muito movimentadas. Evito passar lá pois sinto que a minha segurança está afectada. Se tenho mesmo que o fazer, que ao menos agarre bem a minha bolsa e vá quase a correr, grande é o medo que me apanhem e roubem aquilo que já é pouco.

Um sistema de vigilância na baixa poderia resultar melhor se cada rua mais movimentada tivesse uma câmara no início e no fim, e com dois polícias a patrulhar em cada uma dessas ruas. Parece exagero, é verdade, mas quase posso garantir que até o comércio iria melhorar por aí; seria até possível dinamizar muito mais a baixa, se cada cidadão sentisse que existe segurança.

Quanto às câmaras em outros lugares, concordo. Concordo principalmente para acidentes. Não digo em transformar as ruas em autênticos reality shows, mas um esforço para que todos se sintam em segurança. Portanto, sim, acredito que o sistema de vigilância da baixa irá funcionar se extenderem para as ruas mais pequenas e colocarem polícias a patrulhar. De outra forma ficará muito vago.



Aeromodelismo em Coimbra

O aeromodelismo é um hobby que tem vindo a crescer continuamente ao longo dos últimos anos. Na sua forma mais básica, consiste simplesmente em colocar um aeromodelo (aeronave à escala) a voar. Tem conhecido vários avanços tecnológicos que permitem a existência de aeromodelos cada vez melhores e, também, mais acessíveis (em termos de preço e controlo).

Numa análise mais detalhada, existem três categorias principais, definidas de acordo com o modo como o aeromodelo é controlado. Em primeiro lugar temos aquela que é mais frequentemente associada ao aeromodelismo: as aeronaves rádio-controladas. Nestas situações, o aeromodelo

é controlado com recurso a um controlo remoto que funciona por ondas de rádio. Para além desta vertente, considerada a mais popular, existem ainda o voo circular controlado, onde o avião está fisicamente ligado ao aeromodelista (tipicamente recorrendo a cabos), e o voo livre, uma modalidade em que o aeromodelo não sofre qualquer interferência do utilizador após ser lançado.

Para além da divisão de acordo com o método de controlo, existe ainda uma outra divisão baseada no método de propulsão. Começando pela versão mais simples, temos modelos onde não existe qualquer método de propulsão, sendo que o voo depende do vento e de correntes térmicas. Seguem-se depois os dois tipos



mais comuns: motores de combustão interna e eléctricos. Os primeiros funcionam segundo os princípios normais dos motores de explosão, podendo atingir dimensões bastante grandes (em alguns casos, chegando mesmo a metade do tamanho do avião original). Os segundos funcionam recorrendo a baterias, sendo habitualmente de menor peso e dimensões – podendo mesmo ter uma envergadura inferior a 20 cm. Finalmente, existem ainda os aeromodelos que funcionam com motores a jacto. Esta variante possui modelos bastante rápidos, mas é também a mais cara e a que exige pilotos com mais experiência.

Pode ainda ser considerada uma terceira divisão, com base no local onde os aeromodelos são utilizados. Deste modo, existem os modelos indoor (tipicamente baseados em motores eléctricos), para usar em locais cobertos e onde as condições são controladas, e os modelos outdoor (para utilizar ao ar livre). Em todas estas categorias existe uma vertente de

Clube de Aerodelismo de Coimbra

O Clube de Aerodelismo de Coimbra (CAC), fundado em finais de 1995, é uma das colectividades existentes para reunir e apoiar os praticantes desta modalidade. Com sede no número 138 da Rua Simões de Castro, possui duas pistas onde os seus associados podem utilizar os seus aerodelos – devidamente homologadas pela Federação, logo cobertas por um seguro.

Website: <http://cac.com.sapo.pt/>

E-mail: cac1995@hotmail.com

Fax: 239833048



lazer e uma vertente de competição, com várias classes homologadas por uma entidade federativa.

O custo do equipamento necessário para praticar aeromodelismo é extremamente variável. Um avião muito básico, com motor eléctrico, pode ser adquirido por valores a partir de €50 – embora acabe por se tratar quase de um brinquedo. Um kit de iniciação mais complexo, composto por avião, comando e respectivos acessórios, geralmente custa entre €150 a €300. Dois modelos geralmente aconselhados a principiantes e dentro desta gama de preços são o Protech Skyraider e o Multiplex Easystar, ambos com motor eléctrico. Para quem preferir um modelo com motor de combustão interna, a escolha recomendada costuma ser o Kyosho Calmato (embora existam

vários outros modelos do tipo “trainer” que também são adequados a iniciados). É ainda aconselhável adquirir um adaptador que permita ligar o rádio-comando ao PC, para treinar nos vários simuladores disponíveis (como o Flying Model Simulator, disponível gratuitamente), de modo a minimizar os erros de aprendizagem iniciais – que podem resultar em danos no aeromodelo.

Com excepção dos modelos indoor, cuja prática deve ser realizada dentro de locais cobertos com condições para a utilização de aeromodelos, qualquer local com espaço livre pode em princípio ser utilizado para praticar aeromodelismo – em especial no caso de modelos eléctricos, que chegam a ser utilizados em parques ou praias devido à sua reduzida dimensão. É

Na primeira pessoa...

Sempre tive o bichinho dos aviões e, no Natal de há 3 anos, ofereceram-me um kit daqueles pronto a voar, com um modelo que se atirava à mão, e com tudo incluído. Passadas as chuvas que me impediram de o experimentar logo, lá fui para os campos do Mondego, numa tarde de Janeiro. Aí voei – tenho o vídeo do meu primeiro voo – um pouco atabalhoadamente, mas logo lhe apanhei o jeito. E mais, consegui trazer o modelo quase inteiro para casa, apenas com uma asa rachada, mas nada que um rolo de fita-cola daquela de encomenda não resolvesse. A partir daí procurei o Clube, tornei-me sócio (factor importante, pois assim estamos segurados) e tenho mais alguns modelos, todos a pilhas (e atirados à mão – prefiro assim porque é mais imediato), que não gosto nada de me sujar com o combustível. A minha maneira, um pouco auto-didacta, de ter aprendido sozinho, não é a mais ortodoxa, pois o mais correcto será sempre ir primeiro ao campo do nosso clube para tomar contacto com este mundo.

Rui Delgado

importante verificar sempre se o local que se pretende utilizar possui as condições de segurança adequadas – se há espaço suficiente para o aeromodelo voar, se não existem construções ou objectos que possamos danificar, se não há cabos nas proximidades onde o aeromodelo possa tocar (em especial de alta-tensão) e, principalmente, se não há a possibilidade de magoar outras pessoas. Para além disto, é recomendável escolher um local com bastantes zonas de piso suave, para

evitar danos maiores em caso de uma aterragem imprevista ou que corra mal. A melhor solução é, no entanto, optar por um local que seja homologado pela Federação: para além de existirem garantias quanto às condições de segurança, há também a cobertura por um seguro em caso de acidentes (se o praticante estiver inscrito num clube de aeromodelismo integrado na Federação Portuguesa de Aeromodelismo). ●

Pedro Amaro

I Coimbra Jets

O Clube de Aeromodelismo de Coimbra, em conjunto com o Clube Asas de Mira, está a organizar um encontro de aeromodelos a jacto, que terá lugar entre os dias 25 e 27 de Abril no Aeródromo Bissaya Barreto (Cernache). Espera-se a presença de concorrentes oriundos de vários países europeus. Até ao momento, estão inscritos 40 participantes, com aeromodelos desde o He-162 até ao Eurofighter, passando pelos F-14, F-15, F-16, Mig-15 e Saab Grippen, entre muitos outros.

Website: <http://www.asasdemira.eu/>

E-mail: coimbrajets@gmail.com





Jardim Botânico



O Jardim Botânico (JBUC) foi fundado em 1772, no contexto da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra. Tratava-se de construir “um museu vivo”, um espaço de estudo destinado a servir os estudantes, sobretudo os de Medicina. Pela primeira vez na história do ensino em Portugal, assistia-se à possibilidade de uma aprendizagem prática e não somente teórica. Assim, o Jardim tem como primeira vocação o ensino e tinham, acima de tudo, plantas medicinais, apesar de haver a preocupação em cultivar todo o tipo de plantas, incluindo aquelas que se conheciam dos territórios ultramarinos.

A escolha do local foi motivo para grandes discussões, acabando por se optar pelos terrenos próximos do aqueduto. Foram chamados para construir o Jar-

dim o então Reitor, D. Francisco de Lemos e os italianos Domingos Vandelli e António Dalla Bella, professores de ciências naturais.

Inicialmente, o espaço existente resumia-se apenas ao que hoje conhecemos como o Quadrado Central. As obras foram morosas. Esse espaço inicial foi concluído apenas em 1790. Do ano seguinte data a antiga porta principal do Jardim, o Portão de D. Maria – que se encontra em frente ao lago onde se ergue a efígie de Luís Carriso. Entre os anos 1807 e 1814, e mais tarde entre 1828 e 1834, o ritmo das obras foi afectado pelas invasões francesas e pela guerra civil, respectivamente.

Ao longo do século XIX, o Jardim foi crescendo. Profundamente influenciado pelas ideias francesas, o Quadrado



Central foi transformado numa zona de lazer – assistimos a uma mudança de mentalidade no que toca ao entendimento do jardim não só como espaço de estudo, mas também de ócio. De acordo com a moda francesa, foram projectados canteiros geométricos ladeados por bucho, num traçado simétrico. O fontanário que marca o ponto central é já do século XX. Por outro lado, de influência neo-clássica foram construídos os bancos que adornam o muro que marca o primitivo jardim, designados de namoradeiras, em honra dos casais de namorados que aí passavam largas horas. Os canteiros de plantas medicinais mudaram de sítio, encontrando-se neste momento num dos socalcos paralelos à Alameda Júlio Henriques. De meados do século XIX data também o portão que se encontra nesta mesma Alameda, da autoria de Manuel

Bernardes Galinha, que deu origem à célebre adivinha coimbrã – Preto é, Galinha o Fez.

A estufa grande, como a conhecemos hoje, data de 1856. É uma obra impar da arquitectura portuguesa de Oitocentos. Desenhada por Pezarat, é feita de ferro e vidro. Dividida em três ambientes diferentes, cada um deles procura recriar um clima distinto, desde o tropical até ao nosso clima ameno. Em termos de flora, encontramos desde vários tipos de orquídeas, até ao papiro, palmeira rabo-de-peixe, anoneira, cafezeiro e centenários fetos, sem esquecer as famosas plantas carnívoras ou a celebra “árvore da coca-cola”. Mesmo ao lado, encontra-se uma estufa pequena, onde se encontra um dos espécimes mais famosos: o Nenúfar Vitória, originário das águas quentes do



Amazonas. Este nenúfar tem folhas que atingem os 2 metros de diâmetro e aguenta com pesos até 20 kg. Além disso, as folhas apresentam na face inversa uma rede de espinhos, para se proteger contra eventuais predadores. É o maior nenúfar do mundo e tem uma flor que está aberta apenas dois dias por ano. Já na Mata, há uma terceira estufa, a Estufa Fria. Esta encontra-se numa posição estratégica, pois raramente apanha sol directo. É um local fresco mesmo nos dias mais quentes, onde corre um pequeno ribeiro que ajuda a amenizar a temperatura.

Depois de várias obras de ampliação, o jardim conta actualmente com 13 hectares de terreno, prolongando-se quase até à beira rio. Podemos distinguir a zona do Jardim Formal da Mata, onde os jardineiros apenas intervêm limpan-

do e evitando epidemias. Além disso, o JBUC conta também com um importante serviço: o Banco de Sementes, que permite a troca e preservação de espécies com os Jardins Botânicos de todo o Mundo.

Um simples passeio pode-nos levar aos quatro cantos do mundo. Apesar de ser normalmente confundida com a Árvore da Borracha, a centenária árvore que se encontra entre a estufa grande e o Quadrado Central, é uma Figueira Estranguladora, proveniente da Austrália. Tem a particularidade de, devido ao enorme peso da sua copa, necessitar de mais pontos de apoio e portanto de ter raízes aéreas.

Se atravessarmos o Quadrado Central encontramos na ponta oposta o Abeto Chinês, uma das árvores mais antigas



do Jardim e também uma das poucas que não está dentro do canteiro por ter crescido noutra sentido. Subimos os degraus e mesmo em frente podemos ver um Eucalipto diferente dos nossos. Este é proveniente da Austrália e tem o curioso nome comum de “Fantasma do Deserto”, por ser muito branco e reflectir a luz da lua cheia. Por outro lado, tentem apanhar uma folha vermelha do chão, parti-la ao meio, cheirar e tentem adivinhar. Não é muito comum aquele cheiro numa folha de eucalipto, pois não?

Seguindo pela Avenida das Tílias vemos do nosso lado direito os Jardins Garcia da Horta, pertencentes à Expo 98, onde é possível fazer um percurso idêntico aos navegadores portugueses no antigo império ultramarino. Depois de subir os vários patamares de escadas – os menos corajosos podem voltar para trás e seguir em direcção

aos Arcos do Jardim – virando à esquerda e seguindo até à estátua de Avelar Brotero, podemos ver um exemplar da maior árvore do mundo, a Sequóia Gigante, da Califórnia. Convém lembrar, porém, que este é considerado apenas um “bebé” de 300 anos!

Se entrar ou sair pelo portão dos Arcos, vale a pena olhar com atenção para o Recanto Tropical, onde crescem as palmeiras vassoura, as únicas que nascem espontaneamente em Portugal e a palmeira destacada, proveniente do Chile, que se encontra em vias de extinção.

Para quem tiver a oportunidade de visitar a mata – mediante uma visita guiada – recomenda-se que não perca um passeio pelos trilhos. A paisagem é magnífica e o silêncio apenas é quebrado pelo vento. Não deixem de passar pelo bambuzal. Também o bam-



bu é uma planta recordista, chegando a crescer 30 centímetros por dia! Mesmo em frente ao gabinetes de apoio ao Jardim, notem na árvore que faz esquina com o passeio. É partir dos seus frutos que se extrai o curare, o veneno usado pelos índios.

De hoje em dia, o Jardim Botânico é um dos espaços verdes mais queridos da cidade. Diariamente realizam-se visitas guiadas ao jardim formal, às estufas e à mata, oferecendo ao público um variado leque de percursos temáticos. Nas datas especiais, o Jardim oferece uma série de actividades destinadas normalmente aos mais jovens. O formulário para marcar uma destas visitas encontra-se online na página web do jardim.

Outro exemplo de actividades organizadas é o Mercadinho do Botânico, que se organiza todos os segundos e quartos sábados de cada mês, da parte da manhã: a entrada é gratuita e os produtos 100% naturais e provenientes do pró-

prio Jardim.

As visitas guiadas e às estufas custam 2€, com desconto de 25% para estudantes e maiores de 65 anos. O Jardim está aberto das 9h00 às 17h30 nos dias úteis e as estufas entre as 9h00 e as 12h00 de manhã e das 14h30 às 17h00 da parte da tarde.

É, sem dúvida, um espaço emblemático da cidade, onde se podem passar agradáveis horas lendo, conversando, descansando e passeando entre a convidativa Avenida das Tílias, o Quadrado Central o sob a frondosa sombra da Figueira Estranguladora. As escolhas são mais do que muitas, e as portas abrem-se convidativas. ●

Joana Fraga

Para mais informações:
Telefone: 239 855 233
E-mail: jardim@bot.uc.pt
Website: <http://jardimbotanico.uc.pt>





Foto-galeria: **Uma visita ao Jardim Botânico**









Rotunda do INEM

A recém-construída rotunda em frente ao INEM continua a dar que falar. São sucessivos os acidentes que ali têm ocorrido nos últimos dias. Alguns condutores queixam-se da falta de sinalização, mas a grande maioria é unânime em referir que o espaço que existe para se conseguir contornar a rotunda é insuficiente. Para além dos danos materiais causados nos veículos, foram vários os condutores a necessitar de assistência médica.

É impossível um autocarro passar por aquele local sem ter que subir o passeio, ou a rotunda, tornando-se este um perigo acrescido para todos os peões que circulem nos passeios daquelas imediações. De salientar que a abertura de um supermercado naquela zona vem aumentar consideravelmente o afluxo de viaturas a esta mesma zona, o que potencia o aumento de acidentes.

Já estão a ser feitas obras para reduzir o diâmetro da rotunda. Resta saber se serão suficientes, e se com estas obras o número de acidentes irá diminuir ou não. Aqui se pode ver o quanto as pessoas têm uma visão limitada, pois seria de perceber logo na fase inicial do projecto da rotunda, que era impossível aquelas dimensões serem funcionais. De que vale estar agora a gastar mais dinheiro a remediar aquilo que poderia ter sido logo feito como deve ser, e a um menor custo? De entre outros “arranjos” é possível verificar uma redução do passeio e uma bem visível supressão do perímetro da rotunda, deixando na mesma, paralelos em vez do asfalto, visto que cada vez que passa algum autocarro, este terá de galgar essa travessia de paralelos. ●

Bruno Carreira



Na altura em que as fotos foram tiradas, um dos simpáticos operários que ali se encontravam a colocar a sinalização, foi muito explícito ao dizer: "Não tens nada que estar aqui a tirar fotografias! Tás aqui tas a levar uma pedrada!"



Feito Conceito



Na subida da Rua Alexandre Herculano, no primeiro andar do número dezasseis, reside o Feito Conceito. Aberto desde Novembro de 2006, propõe ser um espaço dinâmico, onde somos convidados a desfruir – simplesmente desfruir. Reflectindo o espírito de intervenção cultural vivido nos quartiers artísticos, reavivando a necessidade intelectual em Coimbra, caracteriza-se pela sua multidisciplinaridade. Satisfazendo as exigências de quem o frequenta, alberga novos expositores, dispõe de cabeleireiro, sala de chá, bar e nove metros quadrados de loja dedicados ao design de moda. Áreas de actuação com uma só finalidade: descompressão.

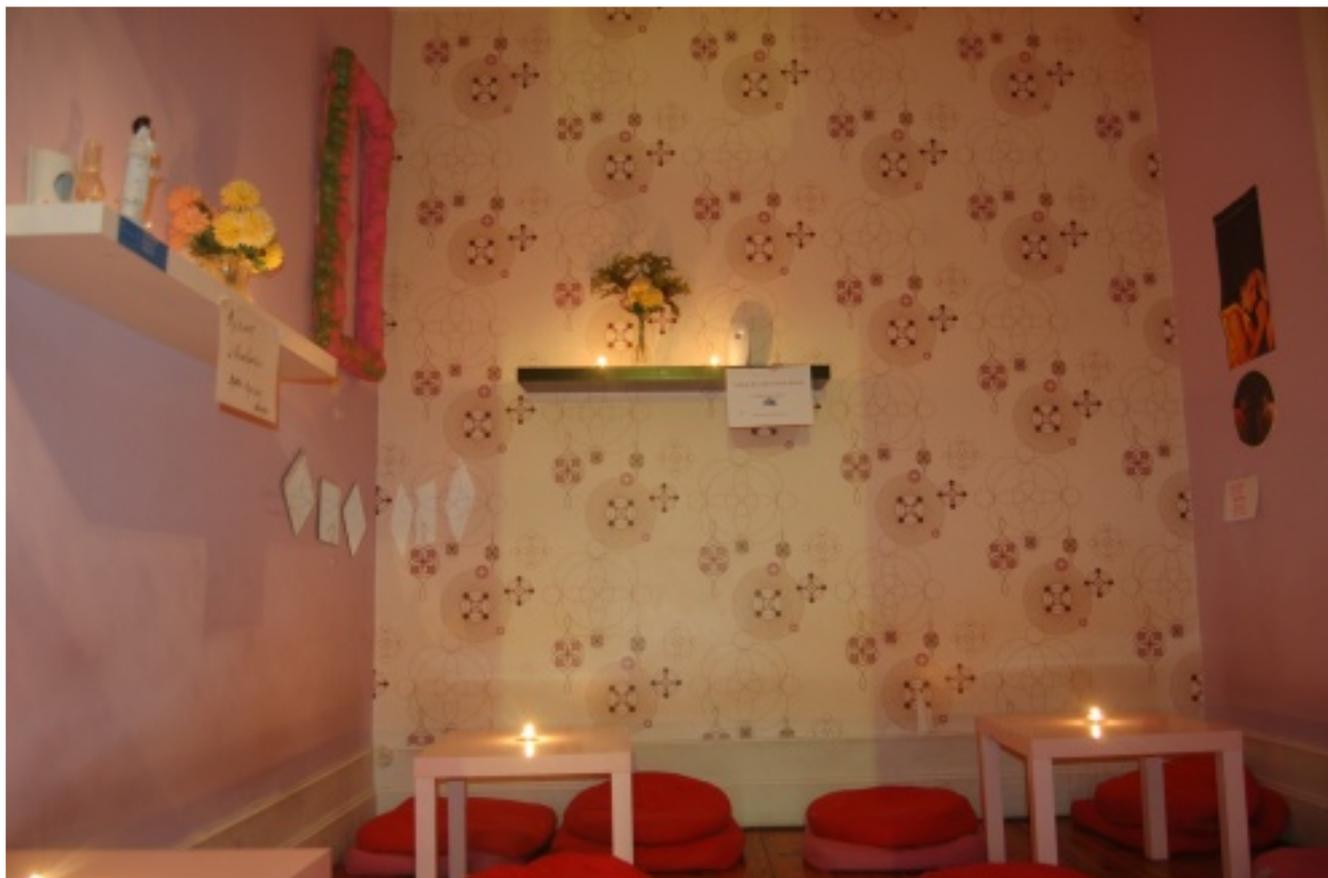
Joana Seixas, Isaac Gens e Ivan Lopes são os sustentáculos deste projecto de orgânica intimista. Acolhem-nos num requinte boémio entre papel de parede, Coffee Table magazines e livros sobre arquitectura. "Como complemento do ambiente que tentamos criar, sem prateleiras e organização, sem ser esteticamente perfeito. Como se estivessem em



nossa casa, na nossa sala, queremos criar laços com o cliente", explica Isaac que, em parceria com Joana, constituem a equipe de arquitectos de interiores disponibilizada pelo Feito Conceito. Responsáveis também pela decoração do local, embora reduzido, alcançaram uma atmosfera propícia ao convívio, tanto para fumadores e não fumadores. Apostando em contrariar a "formatada Coimbra dos doutores" e impulsionando o veio artístico, do qual a cidade parece carecer, cunham a sua posição através da criação de um nicho com mesas de chá rasas e coxins, cores cintilantes e composições de espelhos. Aqui, confortavelmente, conforme os costumes orientais invocados pela deusa budista no altar reinventado é possível degustar infusões apuradas. Avisos manuscritos em folhas nas divisórias e, por norma, música suave, são detalhes que nos preservam a unicidade familiar desta composição de estímulos visuais que é o Feito Conceito.

Sensíveis à diferença, ao que representam como agentes culturais, estes jovens





<http://feitoconceito.blogspot.com>

Bar
Loja
Cabeleireiro

Horário:
14:00 às
22:00

Morada:
Rua
Alexandre
Herculano,
Nº 16, 1º
andar,
3000-019
Coimbra

empreendedores oferecem um sítio enérgico, nada tradicional. Em convénio com os finalistas da Escola Universitária das Artes de Coimbra, produzem as cartelas Kurva criando oportunidade de trabalho para recém-licenciados. Pretendem ainda, promover workshops de enologia, culinária e providenciar um cartaz cada vez mais atractivo. A mostra decorrente é Photographya por Fábio Teixeira. Madeirense residente em Coimbra e um dos vencedores do Prémio Melhor Blog Português 2007 na categoria de fotografia.

Abrangente nos segmentos etários que alicia, a afluência oscila: "inicialmente presumimos a adesão só de um público mais jovem. Mas é homogéneo. Durante a semana, recebemos mais estudantes, no entanto, sexta-feira e sábado, temos um enquadramento dentro dos 30/40 anos (...) mesmo durante a tarde, o cabeleireiro é ponto de encontro de

muitas pessoas. A Cristina e a Laurie estão sempre na vanguarda em termos técnicos, fazem formação mensalmente, o que acaba por ser atractivo para todos.". Isaac Gens assume como mote a constante actualização de tendências e movimentos presentes em tudo o que nos disponibilizam. Na loja, as novidades passam por mobiliário desenvolvido com novos polímeros, caso dos termoplásticos, pela mão das casas Kartell e Magis. Em termos de fashion design continuam bem entregues à marca Melissa, propondo um verão colorido e prático. Para ir consultando o catálogo pode aceder ao site do Feito Conceito e encomendar directamente com entrega ao domicílio. ●

Alternativo, evolutivo, vanguardista. Assim se materializa o ideal de uma geração: Feito Conceito.

Ana Barata

Entrevista: Astedixie Jazz Band



Uma banda que se pode considerar inovadora em Portugal devido ao seu estilo, a Astedixie Jazz Band, concedeu-nos um pouco do seu tempo para responder às nossas perguntas.

Antes de mais, poderiam apresentar os elementos do grupo e dizer como surgiu a banda? Já se conheciam antes ou foram-se encontrando e construindo a banda?

A ideia de criar uma banda de dixieland surgiu por parte de alguns elementos que integram actualmente a Astedixie Jazz Band, quando assistiram a um concerto de uma banda alemã em 1998, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), em Coimbra. Na altura, o estilo dixieland era praticamente desconhecido e assistir a um concerto de uma banda de dixie era uma novidade. Aquilo a

que se assistiu no TAGV foi o pontapé de saída para um projecto que conta já com quase 10 anos. Foram então feitos contactos com essa banda, que nos deu as primeiras dicas e nos ajudou a começar este projecto. Em Setembro de 1998, oficializámos a formação da banda com alguns temas fornecidos por essa banda alemã e, a partir daí, fomos fazendo os nossos próprios arranjos, adaptados às nossas características e aos instrumentos que tínhamos disponíveis. Como o início é sempre complicado e os instrumentos musicais são caros, pedimos o apoio à Sociedade Filarmónica Lousanense. Uma vez que praticamente todos os elementos da Astedixie Jazz Band pertenciam à filarmónica, foi fácil obtermos esse apoio, nomeadamente no empréstimo de alguns instrumentos (concretamente tuba e trompete).



A constituição da banda foi sofrendo algumas alterações ao longo do tempo. Inicialmente, quem fazia parte da banda era o Miguel (clarinete), o Júlio (bandolim), o Celso (trompete), o Gonçalo (trompete), o João (banjo), o Renato (tuba) e o Pedro (bateria). No entanto, alguns destes elementos iniciais, uns por motivos profissionais, outros porque optaram por seguir com outros projectos, tiveram que abandonar a banda. Foram eles o Gonçalo, o João, o Júlio, que foi um dos grandes mentores da banda e, mais tarde, o Pedro. Algumas destas saídas foram difíceis de superar, uma vez que aconteceram quando a banda ainda tinha pouco tempo de vida, e que obrigaram a uma mudança na estrutura da banda. Foi quando o João saiu que o Nuno ingressou na banda, em banjo. Esta estrutura manteve-se durante alguns anos, até que no início de 2006 a Sandra entrou na banda, em trombone. Esta decisão surgiu depois da nossa participação

no II Festival Internacional de Dixieland, em Cantanhede. Nessa altura chegámos à conclusão que faltava alguém para tocar trombone na Astedixie Jazz Band. Foi um problema para nós porque não conhecíamos ninguém que estivesse disponível para tocar conosco. Foi então que a Sandra se dispôs a aprender e, hoje, é a nossa trombonista. Ainda em 2006, com a saída do Pedro, foi a vez do Rafael entrar na Astedixie Jazz Band. Nesta altura, a banda já tinha praticamente abandonado a bateria e tinha adoptado a washboard (tábua de lavar roupa). Assim, actualmente a Astedixie Jazz Band é composta por 6 elementos: Miguel (clarinete), Celso (trompete), Renato (tuba), Nuno (banjo), Sandra (trombone) e Rafael (washboard).

De quem foi a ideia para o nome da banda e de onde deriva?

O nome da banda foi uma ideia que surgiu em grupo, por

parte dos elementos que, no início, integravam a Astedixie Jazz Band e por alguns amigos. Pretendia-se que o nome se relacionasse com o tipo de música que íamos tocar, um nome que fizesse, de alguma maneira, lembrar que o tipo de música a que nos dedicávamos era o dixieland. Alguns dos amigos que estavam nesse grupo eram franceses e, talvez por isso, o nome do gaulês Asterix veio à baila. Daí até à origem da palavra Astedixie foi um instante e, à falta de melhor (já que a imaginação não dava para mais), foi este o nome escolhido para a banda: Astedixie Jazz Band.

O que é exactamente Dixieland?

O dixieland é um estilo de Jazz que nasceu nos Estados Unidos da América no final do século XIX e início do século XX, em Nova Orleães (estado de Louisiana) e que rapidamente se espalhou até Chicago e Nova Iorque, pelas New Orleans Bands, durante a década de 1910.

Embora o dixieland tenha surgido apenas nesta altura, as suas origens são mais ancestrais e remontam ao século XVIII, quando, nos Estados Unidos da América, houve uma forte imigração de escravos, sequestrados ao continente africano. Para além do sofrimento, estes escravos trouxeram consigo alguns objectos pessoais, entre os quais, instrumentos musicais. Com medo que o uso destes instrumentos servisse de incentivo a algumas revoltas, os escravos foram alvo de uma grande censura, que os proibia de se

exprimirem musicalmente ou até mesmo através dos seus dialectos. Com a libertação dos escravos, toda a censura que era feita sobre eles, nomeadamente ao nível da actividade musical, deixou de se fazer sentir. Com a disponibilidade de instrumentos musicais, em que muito contribuíram os velhos instrumentos de bandas militares, e a oportunidade de se poderem exprimir musicalmente (aliás, as filarmónicas, especialmente as de índole militar - ao qual muito contribuiu a influência colonial francesa em Louisiana - eram vistas como uma forma de escapar à escravidão e a aspirar a uma vida melhor), estavam criadas as condições para o nascimento do Jazz.

Um passeio pelas ruas de Nova Orleães, no início do século passado, era certamente acompanhado pelos sons de blues, ritmos africanos, folk songs e ragtime. Com todas estas características, Nova Orleães teve um papel fundamental no nascimento e expansão do jazz, sendo o palco para a melhor produção jazzística, quer em qualidade quer em quantidade, entre 1895 e 1917. Nesta altura, a atmosfera social, muito aberta e livre, era única nesta cidade. Pessoas de diferentes grupos étnicos podiam conviver e comunicar com grande facilidade, permitindo o aparecimento de uma nova e rica cultura musical. Não é por acaso que esta grande e animada cidade seja considerada o berço do Jazz. Inicialmente, o jazz era ouvido em eventos sociais, como bailes, inaugurações, casamentos e em desfiles fúne-



bres, em que a banda saía da igreja tocando marchas fúnebres até ao cemitério e, na volta, ia acelerando o ritmo, entoando temas mais alegres.

Este tipo de música (o Dixieland) é considerado como o verdadeiro tipo de jazz e é a primeira música que se refere ao termo "jazz" (antes de 1917 o termo utilizado era "Jass"). Este estilo combina o Ragtime e o Blues com a improvisação colectiva, com o som definitivo a ser criado pela improvisação simultânea do trompete, do trombone e do clarinete. Embora o termo «dixieland» seja largamente usado, continua a ser um termo que gera alguma polémica. De um lado estão os que defendem que o termo «dixieland» se deve referir às bandas da costa Oeste Americana; No outro lado estão os que o adequam aos músicos de Nova Orleães e à música das bandas Afro-Americanas dos anos 20, havendo ainda quem defenda que deve ser utilizada a terminologia "Clas-

sic Jazz" ou "Traditional Jazz". O que é certo é que foi o Dixieland que deu origem ao Jazz e, por isso mesmo, não é totalmente errado dizer que o dixieland é o Jazz no seu estado mais puro e original.

Porque é que escolheram este estilo?

Existem vários factores que nos levaram a eleger o dixieland como o tipo de música que iríamos tocar. Em primeiro lugar, porque gostamos do dixieland. Nunca nos passou pela cabeça tocar um tipo de música de que não gostássemos; em segundo lugar, porque era diferente de tudo aquilo que já tínhamos ouvido. Quisemos então dar um contributo e ajudar a divulgar o dixieland, dando-o a conhecer às pessoas. Em último lugar, a grande proximidade que tínhamos com os instrumentos que, normalmente, constituem uma banda de dixie, nomeadamente, clarinete, trompete, trombone e tuba, já que tocávamos (e alguns de nós ainda tocam)



na banda filarmónica. Deste modo, vimos a nossa tarefa facilitada.

Consideram que é pouco conhecido na região, ou mesmo em Portugal? E como vêm a receptividade das pessoas a este estilo de música?

Actualmente, o dixieland está a ganhar cada vez mais expressão em Portugal. Embora ainda seja um tipo de música desconhecido por grande parte das pessoas, a verdade é que o dixieland só há pouco tempo se começou a desenvolver. Há 10 anos, quando decidimos formar a Astedixie Jazz Band, havia apenas uma banda de dixie em Portugal. Hoje em dia já são cada vez mais e, naturalmente, o dixieland vai sendo dado a conhecer. Em países como a Alemanha e Holanda, por exemplo, existem inúmeras bandas e o dixieland é bastante conhecido e apreciado. Acreditamos que, com o tempo, em Portugal irá acontecer o mesmo, tendo em

conta a reacção e a aceitação do público que nos assiste, não só a nós, como às outras bandas.

O que falta para alargar o conhecimento da banda e do género musical?

Uma solução para dar a conhecer este género musical será, naturalmente, a aposta em eventos que incluam bandas de dixieland. Nesse aspecto, não podemos deixar de referir o papel que Cantanhede, que fica aqui ao lado, tem feito com a organização do festival internacional de dixieland. É um espectáculo que move multidões, que é extremamente interessante não só pelo seu formato como pelas bandas que convida. É um privilégio podermos tocar com bandas estrangeiras, que têm muito mais experiência do que nós e não temos vergonha em admitir que já aprendemos imenso nas várias edições deste festival. Tal como também não podemos deixar de referir um espectáculo que fizemos

no ano passado, juntamente com os Dixie Gringos, na Praça Velha e que teve um enorme sucesso. Pensamos que estes eventos são excelentes veículos de promoção ao dixieland.

Podem ver-se, no site e no blog, bastantes concertos agendados. Foi difícil começar e chegar a este ponto? Qual o segredo?

O começo é quase sempre o mais complicado. Dar-mo-nos a conhecer não foi fácil e, tal como qualquer banda em início de actividade, era difícil encontrar um local onde pudessemos tocar, uma vez que ninguém nos conhecia nem sequer sabiam o que era o dixieland. Começámos com uns concertos em bares na Lousã e, com o tempo, fomos alargando o nosso raio de acção. Em cada concerto vamos estabelecendo contactos com algumas pessoas e é assim que nos vamos dando a conhecer. Portanto, não há qualquer segredo. Basta alguma persistência e não desistir às primeiras dificuldades. O tempo faz o resto.

Acham que poderiam ter mais apoios por parte de entidades culturais da nossa cidade? O que falta à banda para poder prosperar ainda mais?

É evidente que gostaríamos de ter mais apoios, não só por parte de entidades culturais existentes em Coimbra como também de outras regiões de Portugal. Existe um sentimento de que só as grandes bandas é que proporcionam um bom espectáculo e isso não é

verdade. Temos noção que uma banda de rock é capaz de mover mais pessoas do que uma banda de dixieland, mas são duas realidades completa-mente diferentes. Uma banda dixieland pode fazer aquilo que uma banda de rock não consegue fazer, nomeadamen-te a animação de rua. Numa altura em que tanta gente se queixa que a baixa de Coim-bra necessita de uma revitali-zação, pensamos que a apos-ta na animação de rua (não só com música, mas também tea-tro, animação circense, entre outras) será uma forma de combater a desertificação. Há tanta coisa que se podia fazer e, não se percebendo muito bem porquê, não se faz! O espectáculo que a Astedixie Jazz Band e os Dixie Gringos deram no ano passado, na Praça Velha, é o exemplo perfeito de que um evento tão simples como este pode ser um sucesso e pode chamar muita gente.

O que falta à nossa banda para prosperar ainda mais é, sem dúvida, o lançamento de um CD. Há muito tempo que pensamos nesta possibilidade, mas os custos de produção e aluguer de um estúdio são bastante elevados e ainda não nos foi possível partir para essa aventura. Será algo que, num futuro próximo e se tudo correr bem, iremos fazer.

Qual a vossa opinião sobre a cidade de Coimbra?

A cidade de Coimbra é uma cidade muito especial para nós. Em primeiro lugar porque uma parte importante da nossa vida foi passada aqui. A maioria de nós nasceu e aca-



bou por estudar aqui (alguns ainda estudam, outros trabalham cá) e, como vivemos aqui perto, Coimbra continua a fazer parte do nosso quotidiano. É uma cidade bastante bonita e tranquila e aquilo que está a ser feito através do programa Polis (nas margens do Rio Mondego) só vem reforçar ainda mais a imagem que Coimbra tem.

O que falta, em termos culturais, em Coimbra? E o que se poderia fazer para melhorar a situação?

Desde há muito tempo que a cultura é o elo mais fraco na nossa sociedade. Isso é bem visível quando é necessário fazer cortes orçamentais, em que a cultura é a primeira a sofrer. Neste momento, a cultura não é vista como algo necessário ou fundamental e, como tal, não lhe é dada a importância merecida. Em Coimbra, como em muitas outras vilas e cidades, o papel da Câmara Municipal é praticamente o de apoiar eventos organizados

por particulares e/ou privados. É muito comum ver-se nos cartazes de eventos "Com o apoio de:...". Já não é mau que assim seja, mas Coimbra precisa de mais e devia apostar-se mais em vertentes que estão a cair em desuso, como o teatro (que em Coimbra tem pouca expressão), a animação de rua (praticamente inexistente e que traria mais pessoas à Baixa, que tanta gente se queixa de estar a ficar deserta) ou espectáculos que consideramos diferentes do que é normal. Isto é, embora consideremos que um concerto de alguma banda mundialmente conhecida seja importante para trazer pessoas à cidade (nem que seja só por um dia), achamos que se devia apostar também em espectáculos temáticos (festivais de música celta, música cigana e, claro, dixieland). ●

Informação adicional:
www.astedixie.com



Encerramento dos cinemas do Gira-Solum (Maio de 2005)

Juntamente com as três salas do Centro Comercial Avenida, as duas salas de cinema do Gira-Solum não resistiram à chegada dos novos centros comerciais. Estas duas salas resultaram da divisão da anterior sala única, o que lhes deu uma configuração pouco comum - compridas e estreitas. Apesar de melhorias no conforto, devido à renovação dos bancos, esta divisão trouxe sérios problemas à qualidade de cada uma das salas (era frequente ouvir-se o filme da sala ao lado, por exemplo). Os problemas da sala, em conjunto com a existência de alternativas mais modernas a poucos metros de distância, contribuíram para o fecho destes cinemas em 2005.

Durante o período em que estas salas co-existiram com as do Avenida, era possível notar diferenças entre estes dois espaços. Para além das notórias diferenças no tamanho e configuração das salas, assim como nos equipamentos (apesar de apertadas, as cadeiras do Gira-Solum eram bem mais confortáveis), existiam ainda diferenças em termos de estratégias usadas, desde o intervalo dos filmes no Gira-Solum (inexistente no Avenida) até à possibilidade de adquirir pipocas e bebidas para levar para dentro da sala (uma medida que não era do agrado de todos e que era terminantemente proibida no Avenida, que possuía vários cartazes a lembrar esse facto).

Tem alguma lógica... no último filme que lá fui ver, aquilo estava completamente vazio. As cadeiras eram confortáveis, mas as filas eram apertadas. Ouvia-se o som da sala ao lado em certos momentos do filme. A qualidade dos ecrãs provavelmente já tinha passado por melhores dias. Para ficar um cinema decente, era preciso alterar muita coisa, pelo que o fecho acaba por compreender-se. Resta agora saber quanto tempo duram os do Avenida, que, ainda por cima, são bem piores em termos de qualidade (embora tenham a vantagem de estar noutra zona da cidade, o que pode ajudá-los a "sobreviver").

Pedro

Pronto... Acabaram as idas ao cinema todas as semanas, por tuta e meia...

SilentNoise

Acho que era de prever...

tofas

Pois, já se previa. Mas eu vou mais ao Avenida pois moro no lado norte da cidade e demoro meia hora a chegar à Solum de bus.

Lino

Eu por mim vou ao Avenida, às sessões da meia noite. Embarro solenemente com quem come pipocas "munch munch" e insiste em partilhar isso com metade da sala de cinema, comendo o mais alarvemente possível.

Além disso acho que se faz muito barulho numa sala de cinema, pelo que as sessões com menos gente são as melhores.. e a esta hora já não vêm cachopos e cachopas fazer o escarcéu que já se sabe.

mustiness

Cá venho eu bater outra vez na mesma história dos filmes com intervalos. Já que o único cinema em Coimbra onde havia intervalos era no Gira-Solum, era interessante em algumas das sessões do Lusomundo e do Avenida haver filmes com intervalos, porque há quem prefira assim. É o meu caso e outros tantos. Já sei que muitos de vocês num tópico anterior disseram que preferem ver o filme sem interrupções. É a vossa opinião e eu é claro que a respeito. Espero que percebam o meu ponto de vista em relação a este assunto e garanto-vos que aqui em Coimbra tenho alguns amigos que pensam como eu.

De resto, apesar das salas do Gira não serem das melhores, custa sempre ver fechar mais um espaço com alguma mística aqui pela nossa cidade, isto para já sem falar nas 6 pessoas que trabalhavam há anos no cinema do Gira Solum e que agora ficaram sem emprego. Para eles também deixo aqui os meus votos de boa sorte e que rapidamente consigam emprego noutro lado, até porque são jovens e custa sempre ver mais jovens no desemprego.

nf76

Retomando o tema, o cinema do gira tinha um grave problema! As fitas.. O filme era constantemente interrompido por avarias! Nunca tal coisa me aconteceu noutros cinemas.... Eram bocados imensos de filme às vezes, nomeadamente no Manchurian Candidate...

mustiness

A escolha do Pedro: Superbad

Superbad é geralmente considerado como sendo uma das melhores comédias de 2007 – e essa distinção é merecida. A história principal acaba por ser apenas uma desculpa para levar o espectador através de uma sucessão de acontecimentos inesperados e humorísticos, por vezes quase aleatórios. Existem ainda várias histórias secundárias, sendo a melhor a que envolve McLovin (brilhantemente interpretado pelo estreante Christopher Mintz-Plasse) e os dois polícias – um dos quais, Seth Rogen, é um dos argumentistas.

Nota-se um grande à vontade entre os vários actores, o que resulta em diálogos realistas e bastante divertidos, tendo mesmo alguns sido improvisados. Para além dos já referenciados Mintz-Plasse e Seth Rogen, destaca-se também a actuação de Bill Hader (o segundo polícia) e a de Michael Cera (um dos protagonistas). Jonah Hill (o outro protagonista) teve uma

actuação um bocado “over the top”, mesmo para uma comédia com estas características, mas acaba por não influenciar negativamente o resto do filme.

Superbad é uma comédia para ver essencialmente pela quantidade de risos que consegue trazer. O argumento é algo caótico, embora as situações acabem por se ir relacionando, servindo essencialmente para manter a união entre os inúmeros momentos humorísticos (com os melhores a pertencerem a McLovin e aos polícias).

Pedro Amaro



Superbad pode enquadrar-se no típico filme de adolescentes parvos que se acabam por meter em todo o tipo inimaginável de confusões, mas das quais se acabam sempre por safar. No início parece só mais um “filme de sábado à tarde”, já a meio a minha opinião mudou em relação à hora e ao dia da semana a que deveria ser passado (madrugada de uma terça ou quinta).

A história até parece que se vai a encaminhar bem, com alguns momentos de humor, mas, de repente, a meio do filme, parece que começaram a filmar sem guião, conforme aos seus instintos do momento, o que não deu grande resultado. Depressa o filme se torna numa sucessão de cenas completamente impensáveis que até poderiam ser hilariantes, mas que se ficam pelo “engraçadas”.

Há personagens muito bem pensadas, como é o caso de McLovin, que nos proporciona alguns dos melhores (e poucos) momentos do filme, e personagens que até nos causam alguma simpatia, como o Evan e as raparigas, e há ainda outras que nos deixam aquele nervoso miudinho cada vez que aparecem, como é o caso do

Seth.

A banda sonora salva-se pois até é boa e adequa-se ao tipo e aos momentos do filme.

Assim, “Superbad” é mesmo o adjectivo apropriado para o filme do mesmo nome. Há, sem dúvida, momentos de humor, mas que não chegam para nos manter o sorriso na cara por muito tempo.

Carolina Lopes

A escolha da Carolina:

The Simpsons Movie

Definitivamente, um filme para amantes da série que nos conta as aventuras desta família de (de vez em quando) simpáticas personagens amarelas. O filme é exactamente com a mesma estrutura dos episódios mas com maior duração.

Na minha opinião, ao nível de gargalhadas proporcionadas, está bastante superior aos episódios normais, contrariando, assim, o meu receio de ser um filme que viesse denegrir a série que lhe deu origem. O humor está presente ao longo de todo o tempo do filme, não nos fazendo tirar o sorriso da cara por muito tempo e levando-nos mesmo a rir sonoramente em bastantes momentos, em cenas completamente hilariantes.

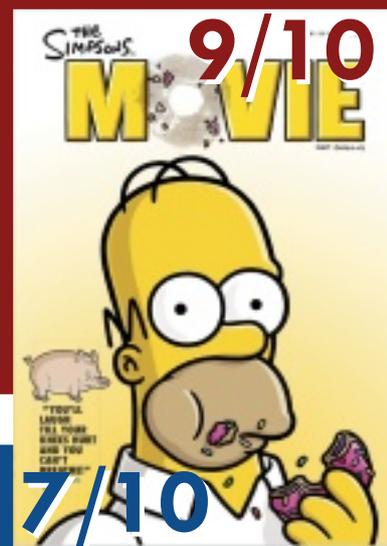
As personagens são ainda mais exploradas e todas as “habituais” da série marcam presença e desempenham o seu próprio papel para o decorrer da história. Há ainda a introdução de novas personagens, como o porco adquirido por Homer (que nos proporciona uma das melhores cenas do filme), e presenças especiais como a dos Green Day, que fazem uma versão do genérico inicial.

O filme começa logo bem com um episódio de

“Itchy and Scratchy” e com uma versão das habituais cenas iniciais de cada episódio, mas mostrando algumas das mais carismáticas personagens da série. E a banda sonora está perfeitamente ao nível de todo o filme, adequa-se a todas as cenas, e conta com uma música que nos faz sair do cinema a cantá-la.

É preciso acompanhar a série para nos apercebermos da origem de algumas cenas do filme, e é isso que o torna mais um filme para fãs, podendo, no entanto, ser visto e apreciado por qualquer outra pessoa pois não há o risco de não perceber a história.

Carolina Lopes



O principal problema de The Simpsons Movie acaba por ser levantado por Homer, logo no início do filme: porque é que havemos de pagar para ter algo que podemos ter de graça? É certo que foi dito como piada, mas acaba-se mesmo por ter a sensação de que estamos perante mais um episódio dos Simpsons, que podíamos ver na TV, e não propriamente de um filme. Se não fosse a longa duração e ligeiras melhorias nos gráficos (especialmente as cenas onde se nota uso do 3D), seria difícil distinguir as cenas das que vemos num qualquer episódio. E é aí que este filme perde bastantes pontos.

O filme possui várias histórias paralelas (cada uma daria para um episódio), como a aproximação entre Bart e os Flanders, que são unidas por uma história principal relacionada com a poluição do Lago Springfield. Não há nada de muito especial, o ritmo, as situações e o tipo de piadas são bastante semelhantes aos que ve-

mos na televisão: estão a um bom nível, mas não há grande inovação.

The Simpsons Movie acaba por sofrer com o sucesso da série. Os mais de 400 episódios ao longo das 19 temporadas desta série exploraram praticamente tudo o que havia para explorar, deixando muito pouca margem de manobra para criar algo inovador. Estamos perante um filme divertido, mas demasiado semelhante ao que já conhecemos, ficando-se com a sensação de já termos visto algo similar. Esperava mais.

Pedro Amaro



O livro amarelo na net www.livroamarelo.net

O livro amarelo na net é um repositório de reclamações que tem como objectivo ajudar o consumidor na decisão sobre a compra/utilização de um produto ou serviço. Os utilizadores registados podem deixar aqui as suas experiências com lojas, companhias telefónicas, hospitais e outros serviços.

Retro Sabotage www.retrosabotage.com

Há jogos de que toda a gente se lembra, como o Pac Man, o Tetris ou o Space Invaders. Mas e se o Pac Man ficasse tonto com os comprimidos ou as naves do Space Invaders se desviassem sempre dos tiros? Estas e mais algumas perguntas são respondidas neste site.



Kiwis by Beat! www.kiwisbybeat.com

Este site é casa de um webcomic um pouco diferente dos demais, de seu nome "minus". Ele conta a história de uma rapariga que consegue alterar a realidade a seu bel-prazer, fazendo tudo o que todos gostaríamos de ser capazes de fazer quando éramos crianças. O estilo de desenho é completamente diferente do da maioria dos webcomics, já que ele é desenhado e pintado à mão num prancha (o próprio autor afirma que está a fingir que o está a desenhar para um jornal do início do séc XX).



The Onion

www.theonion.com

Não acreditem em tudo o que lerem neste site. O The Onion é um site de notícias satíricas, baseadas principalmente na realidade norte-americana, completo com foto-montagens e vídeos de noticiários fictícios. A ver quando se precisa de uma gargalhada.



Nintendo8

www.nintendo8.com

O mundo das consolas de 8-bits, neste caso da NES, à distância de alguns cliques. O nintendo8.com oferece a possibilidade de jogar centenas de jogos de NES - tais como Super Mario Brothers, Tetris, Contra ou Bomberman – a partir do browser.

South Park Studios

www.southparkstudios.com

O novo site oficial da conhecida série de animação South Park. Cansados de verem a série a ser distribuída ilegalmente nos sistemas peer-to-peer de partilha de ficheiros, os produtores Matt Stone e Trey Parker decidiram colocá-la de graça na internet. Este site é o resultado dessa decisão e inclui ainda fóruns, pequenos clips de vídeo, notícias, jogos e muito mais. Sem dúvida, um exemplo a ser seguido por muitas outras séries.



25 de Abril de 1974



por falhar, sendo qualquer tentativa ou suspeita de revolta severamente controlada pelo polícia política, a PIDE.

O contexto internacional não era favorável ao regime salazarista/marcelista. A “guerra” por influências que despoletou entre Capitalistas e Comunistas fez com que muitas das guerrilhas nas colónias portuguesas fossem financiadas com o objectivo de as atrair para o plano americano ou soviético. A intransigência do regime e mesmo o desejo de muitos colonos de continuarem sob o domínio português, atrasaram o processo de descolonização por quase 20 anos, no caso de Angola e Moçambique, apesar das constantes objecções por parte de organizações internacionais como a ONU. No entanto, os recursos necessários para as manter trouxeram graves consequências financeiras e sociais à população portuguesa, que cada vez mais era obrigada a sacrifícios insuportáveis. Os vários conflitos nelas gerados por movimentos independentistas forçaram Salazar e o seu sucessor, Caetano, a gastar uma grande parte do orçamento de Estado na administração colonial e despesas militares, sendo que cedo Portugal viu-se isolado do resto do Mundo. Com a subida de Marcello Caetano ao poder, a guerra colonial tornou-se um forte motivo de discussão e desacordo. Muitos estudantes e manifestantes contra a guerra terão sido forçados a abandonar o país para escapar à prisão e tortura.

O feriado que se comemora agora nesta data (25 de Abril) tem a sua origem na chamada “Revolução dos Cravos” ou “Dia D”, que dão nome aos acontecimentos que sucederam nesse dia e que resultaram na queda do regime fascista em Portugal.

Desde 28 de Maio de 1926 que se instalara no país um regime autoritário de inspiração fascista, que em 1933 é remodelado passando a auto-denominar-se Estado Novo e sendo liderado pelo professor António Oliveira Salazar, ex-ministro das finanças. Salazar é retirado do poder por incapacidade em 1968, vindo a falecer em 1970, e é substituído por Marcello Caetano. Este promete uma mudança no regime e uma diminuição do autoritarismo, que acaba

Em termos económicos, o Estado Novo seguia uma política de corporativismo, típica dos regimes autoritários, mas que fez com que a economia portuguesa ficasse nas mãos de uma elite de industriais. No entanto, a economia prospe-

rava fortemente (embora o povo fosse obrigado a viver num grande clima de pobreza), fazendo com que Portugal entrasse em convenções como as da EFTA, OCDE e NATO. Já no fim do regime a situação mudou radicalmente. Com os gastos dispendidos nas colónias, Portugal passou a ter uma situação financeira apertada. Até 1960 o país continuou relativamente frágil em termos económicos, o que estimulou a emigração para países em rápido crescimento e de escassa mão-de-obra da Europa Ocidental, como França ou Alemanha principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

Todo este estar das coisas levou a que se reforçassem ainda mais os movimentos anti-regime, sobressaindo entre estes o Movimento das Forças Armadas (MFA).

A primeira reunião clandestina de capitães foi realizada em Bissau, em 21 de Agosto de 1973. Uma nova reunião, em 9 de Setembro de 1973 no Monte Sobral (Alcáçovas) dá origem ao Movimento das Forças Armadas. No dia 5 de Março de 1974 é aprovado o primeiro documento do movimento: "Os Militares, as Forças Armadas e a Nação", que é posto a circular clandestinamente.

No dia 24 de Abril de 1974, um grupo de militares comandados por Otelo Saraiva de Carvalho instalou secretamente o

posto de comando do movimento golpista no quartel da Pontinha, em Lisboa. Às 22h55m é transmitida a canção "E depois do Adeus", de Paulo de Carvalho, pelos Emissores Associados de Lisboa, emitida por Luís Filipe Costa. Este foi um dos sinais previamente combinados pelos golpistas e que desencadeou a tomada de posições da primeira fase do golpe de estado. O segundo sinal foi dado às 0h20m já do dia 25, quando foi

No Norte, uma força do CICA 1 liderada pelo Tenente-Coronel Carlos Azeredo toma o Quartel-General da Região Militar do Porto, sendo depois esta forças reforçadas por outras vindas de Lamego. Forças do BC9 de Viana do Castelo tomam o Aeroporto de Pedras Rubras. Forças do CIOE tomam a RTP e o RCP no Porto. O regime reagiu, e o ministro da Defesa ordenou às forças sedeadas em Braga que avançassem sobre o Porto, ordem que foi recusada pois estas já teriam aderido ao golpe.

Pelas 3 horas da manhã sai da Escola Prática de Cavalaria na Pontinha, uma força de 231 homens comandados por Salgueiro Maia com destino ao Terreiro do Paço. Este moveu, mais tarde, parte das forças para o Quartel do Carmo, onde se encontrava Marcello Caetano. E no decorrer do tempo são lidos por Joaquim Furtado, aos microfones do Rádio Clube Português ocupado, os comunicados do MFA à população, e por todo país oficiais afectos ao Movimento tomavam as suas unidades.



transmitida a canção "Grândola Vila Morena", de José Afonso, pelo programa Limite, da Rádio Renascença, que confirmava o golpe e marcava o início das operações. O locutor de serviço nessa emissão foi Leite de Vasconcelos, jornalista e poeta moçambicano.

Entre as 15 horas e as 17 horas e 30 minutos têm lugar as negociações entre o posto de comando do MFA e Salgueiro Maia, por um lado, e Marcello Caetano por outro. Este acaba por se render ao final do dia, fazendo apenas a exigência de que o poder fosse entregue ao General António Spínola,



que não fazia parte do MFA, para que o "poder não caísse na rua". Marcello Caetano partiu, depois, para a Madeira, rumo ao exílio no Brasil.

Ao fim da tarde, rende-se o Regimento de Lanceiros 2 e, pelas 18h40m, a RTP difunde o seu primeiro Telejornal livre onde reproduz o comunicado do MFA anunciando a rendição do Governo. Apenas resistia agora a polícia política, que disparava sobre um grupo de manifestantes que se encontravam à porta das suas instalações. Graças a este acto o balanço da revolução é de quatro mortos e alguns feridos. A rendição da PIDE só é obtida no dia seguinte.

Com o amanhecer as pessoas começaram a juntar-se nas ruas, solidários com os soldados da revolta. Existem várias versões sobre quem terá sido, mas uma delas diz que uma florista, contratada para levar cravos para a abertura de um hotel, foi vista por um soldado que pôs um dos cravos na espingarda, sendo seguido por outros, o que iniciou a distribuição de cravos vermelhos para os

soldados, tornando assim o cravo como símbolo da Revolução de Abril de 1974.

No dia seguinte, forma-se a Junta de Salvação Nacional, constituída por militares, que iria proceder a um governo de transição. O programa do MFA era o dos três "D": Democratizar, Descolonizar, Desenvolver. E entre as medidas que se seguiram à revolução, fala-se da extinção da polícia política e da Censura.

Ao período que se seguiu deu-se o nome de PREC (Processo Revolucionário Em Curso). Houve luta e perseguição política entre as facções de esquerda e direita, muitas empresas foram nacionalizadas, personalidades que se identificavam com o Estado Novo foram forçadas ao exílio, as colónias africanas e Timor-Leste tornaram-se independentes. Foi um movimento revolucionário fortemente impulsionado por partidos e organizações de esquerda e de extrema-esquerda, terminando somente a 25 de Novembro de 1975, quando se realizaram as primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte, que foram ganhas pelo PS. Estabelece-se, assim, uma democracia parlamentar de tipo ocidental. ●

Carolina Lopes



Carolina Lopes

Penso que Coimbra só iria beneficiar com uma grande sala de teatro. É uma cidade relativamente grande, com uma população com um certo nível cultural (a contar com os estudantes que, não tendo cá residência fixa, fazem aqui toda a sua vida) e que precisa de iniciativas como a construção de uma grande sala de espectáculos para trazer mais actividade cultural. As pessoas sentem a falta deste tipo de actividades culturais em Coimbra.

O teatro académico Gil Vicente não tem condições para trazer cá muitos dos artistas e espectáculos que temos, por exemplo, em Lisboa e no Porto, e que poderiam dar mais vida à cidade, poderia dar a oportunidade de trazer cá mais gente e dinamizar e alimentar culturalmente a população.

Traria alguns custos à cidade mas penso que seriam compensados com o tempo e valeriam a pena. Seriam bem melhor empregues os fundos neste tipo de construção do que em remodelações de estádios, na minha opinião.

Há depois o argumento de que uma sala deste tipo não seria regularmente utilizada, o que considero não ser válido. Claro está que não teríamos espectáculos todos os dias e todas as semanas, mas algumas vezes por mês trazer cá obras dignas da sala compensaria tudo o resto. Além de que poderia ser uma boa aposta para realizar festivais de tunas de todo o país e outros eventos do género, ligados ao mundo estudantil, que trariam ainda mais pessoas à assistência.

S
I
M

Coimbra precisa de um grande teatro?

Pedro Amaro

N
Ã
O

Uma grande sala de teatro seria um investimento oneroso e complicado de manter. É certo que o panorama cultural de Coimbra precisa de um "abanão", mas tal passa por aumentar a oferta disponível e não por construir mais um teatro. A verba envolvida na construção e manutenção de um espaço de grande dimensão poderia financiar imensas actividades culturais, para as quais os actuais equipamentos são suficientes.

A construção de um grande teatro em Coimbra provavelmente redundaria em algo semelhante ao que se passou com o Estádio do Algarve. É certo que ocasionalmente é usado, mas a maior do tempo está vazio, já que poucas são as actividades que conseguem ser suficientemente lucrativas para comportar os seus custos de utilização. Muito provavelmente iríamos assistir ao mesmo... teríamos uma sala de teatro com óptimas condições, mas que raramente seria usada. Uma sala destas seria bastante útil em situações pontuais, especialmente grandes concertos ou peças, mas será que essa utilização pontual justificaria os custos? Será que a presença dessa sala seria suficiente para fazer com que essas actividades não se centrassem apenas no Porto e em Lisboa? Também temos que nos lembrar que a nossa cidade tem uma população bastante abaixo das duas principais cidades, o que pode resultar em assistências mais reduzidas.

Ponderando todos os factos, parece-me que uma sala dessas seria útil, mas há opções mais úteis onde gastar esse dinheiro – começando por apoiar as actividades.

Foto Vencedora

"A Primavera está a chegar"



Lino Galveias



Concurso de Fotografia

Tema do próximo mês: "Recantos de Coimbra"

Os interessados em participar deverão enviar as suas fotos (no máximo de uma por pessoa) para correio@vivercoimbra.com até dia 26 de Abril, com o assunto "Concurso de Fotografia".

As três fotografias seleccionadas serão publicadas no próximo número. Mais informações podem ser obtidas no tópico do concurso em www.vivercoimbra.com.



Colabora na próxima edição!

**Descobre como em:
www.vivercoimbra.com**